

---

Com o patrocínio da JNICT

Instituto do Vinho do Porto ■ Universidade do Porto  
■ Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

**DIRECÇÃO:**

Fernando Bianchi de Aguiar (Presidente do Instituto do Vinho do Porto)

Alberto Amaral (Reitor da Universidade do Porto)

José Manuel Gaspar Torres Pereira (Reitor da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro)

**COORDENADOR:**

Gaspar Martins Pereira (Coordenador do Grupo de Estudos de História da Viticultura Duriense e do

Vinho do Porto/FLUP)

**CONSELHO DE REDACÇÃO:**

António Barreto (Instituto de Ciências Sociais/Universidade de Lisboa)

António Vilela de Matos (Pró-Reitor da Univ. de Trás-os-Montes e Alto Douro/Documentação e Extensão)

Arlete Mendes Faia (Depart. de Indústrias Agro-alimentares/Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro)

Aurélio Araújo de Oliveira (História Moderna/Faculdade de Letras da Universidade do Porto)

Carlos Alberto Brochado de Almeida (Arqueologia/Faculdade de Letras da Universidade do Porto)

Carlos Melo Brito (Faculdade de Economia/Universidade do Porto)

Conceição Andrade Martins (Instituto de Ciências Sociais/Universidade de Lisboa)

Fernando Bianchi de Aguiar (Instituto do Vinho do Porto/Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro)

Francisco Ribeiro da Silva (História Moderna/Faculdade de Letras da Universidade do Porto)

François Guichard (Universidade de Bordéus III/Centro de Estudos Norte de Portugal-Aquitânia)

Jean Lave (Social & Cultural Studies/Universidade da Califórnia - Berkeley)

João Rebelo (Departamento de Economia e Sociologia/Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro)

José Portela (Departamento de Economia e Sociologia/Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro)

Luis Miguel Duarte (História Medieval/Faculdade de Letras da Universidade do Porto)

Norman R. Bennett (Departamento de História/Universidade de Boston)

Nuno Pizarro de Magalhães (Depart. de Fitoecnia e Eng. Rural/Univ. de Trás-os-Montes e Alto Douro)

Vital Moreira (Faculdade de Direito/Universidade de Coimbra)

**SECRETARIADO:**

Natália Favreille Costa, Paula Montes Leal

**PROPRIEDADE:**

Instituto do Vinho do Porto ■ Universidade do Porto ■ Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

**EDIÇÃO:**

GEHVID – Grupo de Estudos de História da Viticultura Duriense e do Vinho do Porto

Faculdade de Letras da Universidade do Porto ■ Apartado 55038 ■ 4150 PORTO Codex – PORTUGAL

Telefone e fax.: (02) 6077156

**Fotografia da capa:** Vindima no Douro. Fotografia de Alvão ca. 1940 (Col. IVP)

**Composição:** Edições Afrontamento

**Impressão e Acabamento:** Rainho & Neves, Lda.

**Assinatura anual (2 números):**

**Instituições:** 3500\$00, **Indivíduos:** 3200\$00

**Preço deste número:** 3500\$00

**Tiragem:** 1200 exemplares

**Depósito Legal:** 98629/96

**ISSN:** 0873-3899

© Direitos reservados, de acordo com a legislação em vigor.

Todos os artigos são da exclusiva responsabilidade dos seus autores.

# SUMÁRIO

7

Editorial

9

Homagem a Henrique David

Mensagem de Philippe Roudié e François Guichard

15

Estudos

Os lagares cavados na rocha do castelo de Castorigo – Pegarinhos (Alfó)

Carlos A. Brochado de Almeida ■ Paulo J. Costa Pinto ■ Pedro Miguel D. Brochado de Almeida

25

Aspectos diacrónicos de um espaço entre Goujoim e S. Martinho das Chãs (Arramar)

João Viana Antunes ■ Pedro Bãre de Faria

35

A arqueologia portuguesa na Primavera de 1997: razões de esperança e razões de pessimismo

Vitor Oliveira Jorge

39

Regulamento jurídico no Noroeste peninsular: os pactos de hospitalidade

e outras formas jurídicas

Sonia Maria Garcia Martinez

63

Ansiões, um povoado com rupturas no seu processo histórico?

António Luis Pereira ■ Nuno Miguel Soares

77

Corações Afritos: navegação e travessia do Douro na Idade Média

e no início da Idade Moderna

Luis Miguel Duarte ■ Amândio Jorge Morais Barros

119

Os bens da Coroa na posse do mosteiro de Salzedas em 1347

Rosa Marretos

147

Os vinhedos de Ourense e Ribeiro de Avia na Idade Média

Maria Carmen Fallares ■ Ermelindo Portela

165

Os pregos do pão no centro vinhateiro de Lamego (1750-1793)

Aurélio de Oliveira

173

Intercâmbios comerciais entre o norte de Portugal e a Galiza na viragem

do século XVII para o século XVIII

Francisco Ribeiro da Silva ■ António M. de Barros Cardoso

215

A nova capela-mor da Igreja do Mosteiro de S. Bento da Vitória (1695-1703)

Joaquim Jaime B. Ferreira-Alves

221

Estratégias comerciais do vinho do Porto – A praga de Aveiro no século XVIII (1757-1784)

Inês Amorim

251

A navegação do rio Douro no século XIX – Algumas questões

Maria da Conceição Meireles Ferreira

271

○ vinho do Porto na diplomacia anglo-portuguesa durante o século XIX

Norman R. Bennett

287

○ abandono da prática religiosa como protesto social.

○ caso dos jornalistas alto-durifenses no primeiro terço do século XX

A. L. Pinto da Costa

297

«Concepção» e «parto» da CIRDO

(Comissão Interprofissional da Região Demarcada do Douro)

Fernando Peixoto

337

Estudo de caso: Fogas Júnior

Teresa da Silva Lopes

361

Documentos

Quinta da Vacarra: a cultura da vinha num documento do século XVII

Fausto Martins

377

Arquivo da Quinta de Santa Júlia de Loureiro

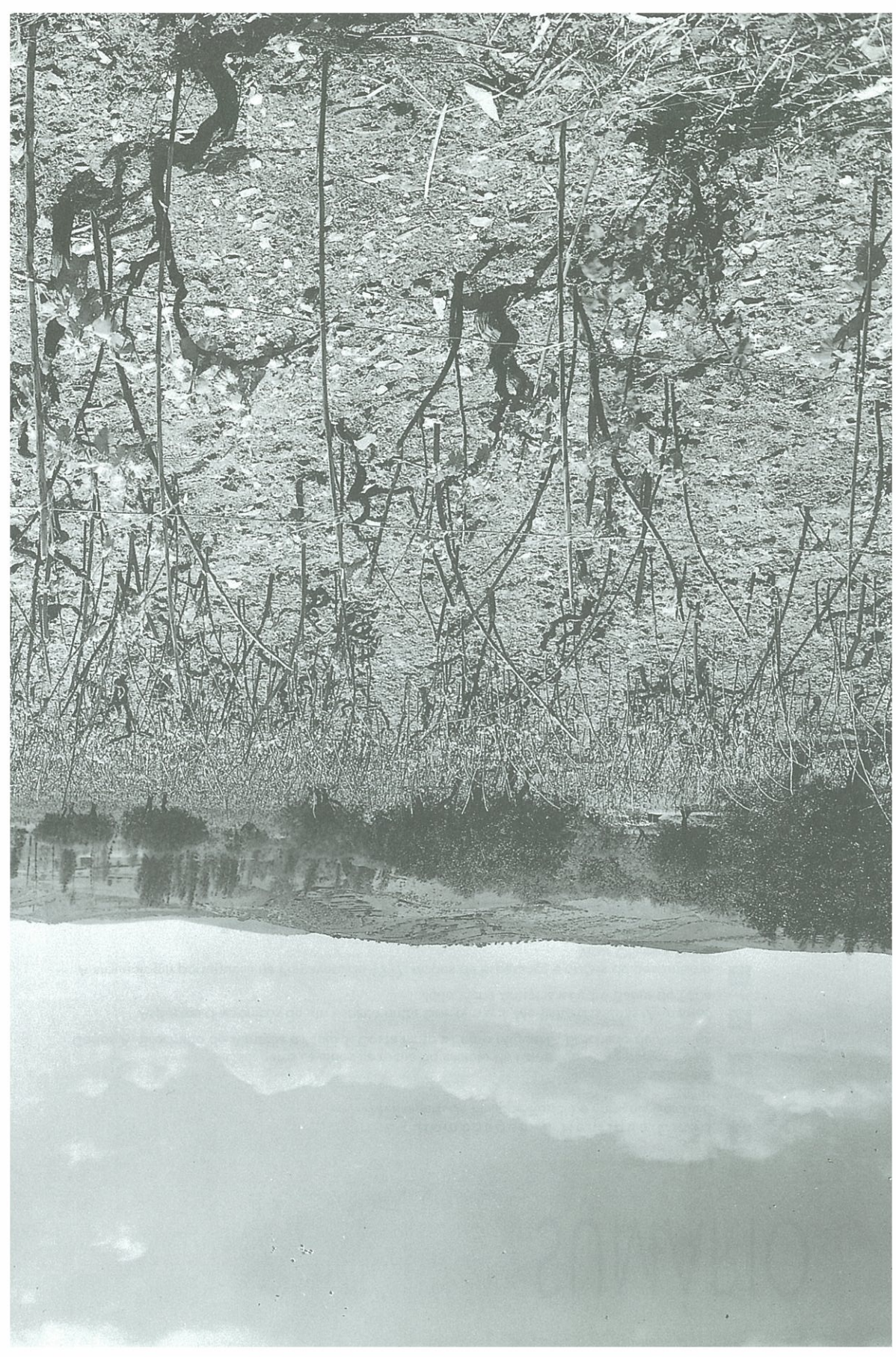
Natália Favrelle ■ Paula Montes Leal

394

Notícias

394

Agenda





# EDITORIAL

---

«Vinha». Foto Alvão, ca. 1940. Arquivo do Instituto do Vinho do Porto.

Este número da revista DUORO – Estudos & Documentos é dedicado à memória do nosso colega Henrique David, professor da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, investigador do GEHVID e membro do Conselho de Redacção da revista.

Quis o destino que os nossos caminhos se aproximassem nos últimos anos, em grande parte devido a projectos comuns que tínhamos no âmbito do GEHVID. Partilhámos tempos, espaços e ideias. O Henrique tinha aquela maneira muito sua, serena e leal, de estar na vida, um raro dom de disponibilidade generosa, como se a vida fosse a eternidade. Em contrapartida, gera o espaço de forma meticulosa. Mas às minhas investidas de desalinho, em que os papéis se amontoavam e giravam anarquicamente pelo gabinete, respondia sempre com um «não te preocupes! és organizado à tua maneira». E poderia multiplicar os exemplos dessa tolerância quotidiana que tanto nos aproximou e que me deu o privilégio de partilhar do seu saber quase enciclopédico, mas sobretudo de uma cultura da vida humanista e democrática. Porque o Henrique, dado às matemáticas e aos modelos mais formalizados da demografia, entendia as suas leituras e preocupações aos mais diversos domínios, da Idade Média aos tempos contemporâneos, da história económica à ecologia, à política ou aos vinhos. Falava com o mesmo à-vontade da situação no Médio Oriente ou em Marrocos, da estatística na arqueologia ou da crise energética. Trazia, a cada passo, as últimas novidades da leitura ou das livrarias de Lisboa, já pronto para duas horas de conversa...

Subitamente, em Janeiro, o Henrique deixou-nos, sem poder fazer a festa dos seus 50 anos que prometere e onde se adivinhavam, com o requinte que ele punha nessas coisas, os Barca Velha, os portos de 1945, as aguardentes velhíssimas... A festa deveria ser a 18 de Setembro. E é por isso que decidimos marcar para esse dia o lançamento deste número da revista. O volume de contribuições aqui reunidas em tão pouco tempo é a prova cabal da saudade que o Henrique deixou. Muitos colegas e amigos continuarão, de resto, a publicar outros trabalhos em sua homenagem e nós, no GEHVID, prosseguiremos os projectos que partilhávamos com o Henrique. Essa será a nossa forma de preencher o vazio enorme que ele deixou. E, sempre que possível, havemos de encontrar maneira de nos reunirmos e beber um copo. Se há Olimpo, o Henrique lá estará a erguer o seu cálice, esperando por nós, com aquele olhar bondoso de quem ama a vida, para uma longa cavaqueira.

Gaspar Martins Pereira  
(FLUP/GEHVID)





Foto de Henrique David. Coleção particular.



Henrique David

# HOMENAGEM

Pour éphémères qu'elles soient, il est des rencontres qui marquent la vie. Nous avons l'un ou l'autre, parfois l'un et l'autre, côtoyé Henrique David à diverses reprises ces dernières années, lors de diverses réunions organisées par le CENPA autour de la recherche en coopération franco-portugaise, par le CEPFAM à propos de démographie historique, son éminente spécialité, ou par le GEHVID sur les vignobles et vins du Douro. Pourtant nous ne le connaissions guère. C'est qu'il nous semblait aussi discret qu'attentif, toujours disponible et souriant, mais ne cherchant jamais – malgré, ou à cause, de son imposante stature? En tout cas certainement par vraie modestie – à occuper le premier rang et à cristalliser l'attention publique. Nous devinions bien pourtant qu'il préférerait certainement, aux tribunes et aux projecteurs, la chaleur conviviale et spontanée de l'amitié choisie.

Sa gentillesse naturelle trouva l'occasion de nous y associer tous deux à l'occasion de l'une de ces rencontres, à Porto, en septembre 1996. Le hasard voulut que son anniversaire et celui de l'un d'entre nous tombât précisément à ce moment-là, le même jour, tandis que celui de l'autre auteur de ces lignes était imminent. Henrique trouva que c'était un excellent prétexte et nous invita chez lui.

Nous étions huit dans sa jolie petite maison. Le maître de maison s'était affairé aux fourneaux et, si nous savions qu'il était un enseignant et chercheur d'élite, il se révéla qu'il était aussi un cuisinier hors pair. Avec son grand sourire hospitalier, il nous accueillit autour d'une table somptueuse garnie d'une palette de vins magnifiques – notamment une véritable collection de *Barca Velha* – dont il voulait nous faire découvrir les splendeurs.

Soirée inoubliable, longuement prolongée dans cette douce nuit de fin d'été. Notre mémoire en garde, avec le goût et le parfum, la découverte de ce collègue qui savait non seulement profiter des joies de la vie, mais surtout les faire partager à ses proches, à ses anciens et récents amis...

Nous n'aurons pas eu le temps de lui faire connaître les joies du Bordelais et de ses grands vins. Mais s'il existe, comme nous en sommes persuadés, un paradis pour les esthètes de bonne compagnie qui irradient si naturellement la sympathie spontanée, nul doute que cet homme chaleureux et ce savant de talent y figure en bonne place.

*Philippe Roudié e François Guichard*

Por muito efêmeros que sejam, há encontros que marcam a vida. Quer um quer outro, por vezes ambos, já tínhamos encontrado o Henrique David por diversas vezes durante estes últimos anos, nas reuniões organizadas pelo CENPA acerca da pesquisa em colaboração franco-portuguesa, pelo CEFAM a propósito da demografia histórica, a sua especialidade emminente, ou pelo GEHVID sobre as vinhas e os vinhos do Douro. No entanto, conheci-o muito pouco. Ele parecia-nos tão discreto quanto atencioso, sempre disponível e sorridente, nunca procurando – apesar ou por causa da sua imponente estatura? De qual-quer forma, certamente por verdadeira modestia – ocupar um lugar de destaque ou cristalizar a atenção pública. Adivinhávamos bem, todavia, que, às tribunas e aos projectores, ele preferia o calor convivial e espontâneo da amizade escolhida.

A sua natural gentileza encontrou a ocasião de nos reunir por altura de um desses encontros, no Porto, em Setembro de 1996. Quis o acaso que o seu aniversário e o de um dos de nós coincidissem precisamente nesse momento, no mesmo dia, enquanto o de um dos autores destas linhas estava iminente. O Henrique achou que este era um excelente pre-texto e convidou-nos para sua casa.

Éramos oito na sua bonita casa. O anfitrião tinha-se afadigado em volta dos fogões e, embora já subbêssimos que ele era um professor e investigador de elite, revelou-se-nos também um cozinheiro de excepção. Com o seu grande sorriso hospitaleiro, acolheu-nos em redor de uma mesa sumptuosa, guarnecida de um paleta de vinhos magníficos – particularmente uma verdadeira colecção de *Barca Velha* – cujos esplendores nos queria fazer descobrir.

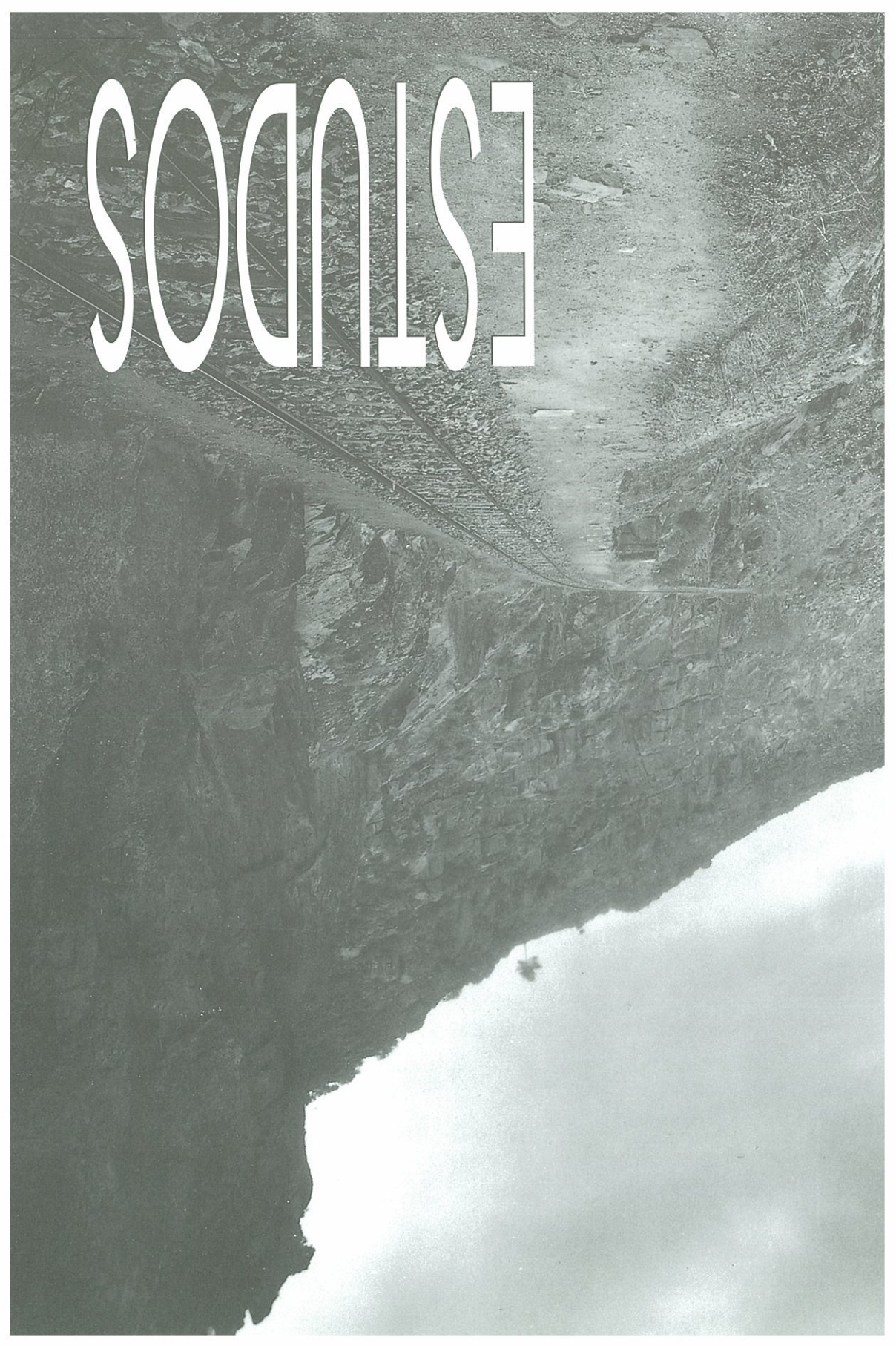
Crepusculo inesquecível, longamente prolongado por essa doce noite de fim de Verão. Dela guarda a nossa memória, com o gosto e o perfume, a descoberta de um colega que sabia aproveitar os prazeres da vida, mas, sobretudo, sabia partilhá-los com os seus próximos, com os seus antigos e recentes amigos...

Não tivemos tempo de lhe dar a conhecer as alegrias do Bordelais e dos seus grandes vinhos. Mas, se existe, como acreditamos, um paraíso para os estetas da boa companhia que irradiam tão naturalmente a simpatia espontânea, sem dúvida que esse homem caloso e sábio de talento ocupa aí um lugar de destaque.

*Philippe Roudié e François Guichard*



# ESTUDOS SODDUS





## Os lagares cavados na rocha do castelo de Castorigo – Pegarinhos (Alijó)

Carlos A. Brochado de Almeida \*  
Paulo J. Costa Pinto \*\*  
Pedro Miguel D. Brochado de Almeida \*\*\*

Pegarinhos é uma das 17 freguesias que constituem o actual concelho de Alijó e como acontece com quase todas elas, para além da povoação epónima, compreende mais outras duas: Vale de Mir e Castorigo.

Situada a Nordeste da sede do concelho, da qual dista cerca de 11 km, pertenceu até 24 de Outubro de 1855 ao concelho de Murgá (Leitão, 1963,56), sendo na actualidade servida por uma estrada camarária que, no planalto da Chã, ao km 34 da estrada Alijó-Fópulo, faz a ligação com outras povoações do interior, nomeadamente Santa Eugénia e Carlião.

Tal como ocorre com as outras povoações disseminadas pelo planalto de Alijó, as aldeias que compõem a freguesia de Pegarinhos são do tipo concentrado, com ruas sinuosas e construções em granito, não raras vezes em pedra seca ou com pouca argamassa, enegrecidas pelo tempo. Mostram, no entanto, já os avanços de um certo «modernismo» arquitectónico, com a intromissão de modelos obviamente importados de outras latitudes, mas que denotam, à saciedade, quando deslocados estão tais construções que noutras paragens não passariam de moradias de menor qualidade.

A base económica destas aldeias centra-se em torno do vinho e dos produtos agro-florestais. Para os lameiros vai a batata, o milho e o linho, este quando era cultivado. Nas terras de meia encosta, menos irrigáveis, o domínio é do trigo, da aveia e sobretudo do centeio, mas a grande riqueza da terra, tal como ocorre em Santa Eugénia e em Carlião (Almeida, 1992/93), é o vinho, especialmente o de benefício, aquele que institucionalmente é conhecido por «Vinho do Porto».

A área de plantio do «vinho de benefício», que decalca a mancha de xistos que nesta freguesia se desenvolve a Oriente da linha formada pela combinação do Regato do Mourão com o de Vale da Seia, é considerável, mas mais o é a área ocupada pelo vinho comum, muito dele de excelente qualidade e aceitação, caso do «Botelhinha Reserva» produzido pela Adega Cooperativa local. Depois, convirá não esquecer que é neste vale bem encaixado e abrigado de Regarinhos que se produzem certos vinhos brancos, de excelência comprovada e que, por isso mesmo, têm sido encaminhados para o fabrico de algumas das mais conceituadas marcas de espumantes da Região do Douro.

Fegarinhos é uma povoação concentrada, anichada na base de um dos muitos vales que se desenvolvem por todo o planalto de Alijó e aqui, mais especificamente, na confluência de três linhas de água – Regato do Souto, Regato do Vale da Seita e Regato da Salgueirosa – que, a oriente do aglomerado populacional, se fundem numa massa líquida única, o Ribeiro do Carvalhal, um dos vários afluentes do Rio Trovela, o mesmo que no presente serve de linha de fronteira entre os concelhos de Murgu e Alijó. Bem menos expressão e diferentes concepções de assentamento e localização têm as pequenas aldeias de Vale de Mir e de Castorígo. A primeira, com um típico nome germânico (Piel, 1937,21), localizada em pleno planalto, está situada numa zona de granitos, ao abrigo de uma pequena mancha de pinheiros, castanheiros e carvalhos, estes teimando na continuidade de uma espécie cada vez mais ameaçada. Em sentido oposto encontra-se a ainda mais minúscula povoação de Castorígo, erguida entre os braços do pequeno Regato da Salgueirosa, num cenário estrutural e posicional algo análogo ao da sede da freguesia. A única nota dissonante, independentemente da dimensão urbana, está na proximidade de certos vestígios arqueológicos, nomeadamente nos *habitats* da Idade do Ferro que coram os pontos mais elevados, sobranceiros a Castorígo e a Val de Mir. A excepção está precisamente em Fegarinhos onde, até à data, se não conhecem sintomas de ocupações anteriores à formação da actual povoação,

algo que terá ocorrido somente na Baixa Idade Média. Se percorrermos o aro da tão extensa quão dispersa freguesia de Fegarinhos, deparamos com alguns poucos vestígios arqueológicos anteriores à formação dos actuais núcleos habitacionais. Um dos mais divulgados são as insculpturas da Botelhinha – assim se percebe a razão porque o vinho tinto da Adega Cooperativa de Fegarinhos é comercializado sob tal denominação – gravadas na penedia que ponteia toda a encosta setentrional do Alto das Regaleiras, onde uma série de regatos recolhem as primeiras águas daquele que será o Ribeiro do Souto. Com uma cronologia que medeia entre o Bronze e a Idade do Ferro, estas gravuras só encontram algum paralelismo na encosta oriental do castelo de Castorígo, local onde se destaca uma rocha com uma série de fosses ou covinhas gravadas e que a proximidade do sistema defensivo do castro faz supor alguma concordância



crono-cultural. Tal existência e proximidade não são de modo algum novidade, já que o cenário se repete noutros pontos do concelho, com destaque para o castelo de Carlião, onde há vários penedos gravados com sinais da mesma tipologia e certamente cronologia (Almeida, 1992/93, 235).

Os povoados castrejos localizados na área administrativa da freguesia de Pegarinhos são dois: Vale de Mir e Castorigo. Como é da praxe toponímica desta região, são genericamente designados por «castelos» e não por «castros» (Almeida, 1992/93, 234), muito provavelmente por causa da imponente massa granítica onde assentam e que deles fazem autênticas fortalezas (Lemos, 1993, 217).

O castelo de Vale de Mir está situado em pleno planalto, a ocidente da actual povoação. Encontra-se numa pequena elevação que se destaca na orografia envolvente, até pelo pinhal que a cobre, tendo o castelo sido bastante danificado pelos trabalhos agrícolas que atingiram o sistema defensivo, aduiterando-o, pelo menos ao nível da muralha mais exterior. Dimensionalmente foi *habitat* de pequenas dimensões e, ao que presumimos, protegido por duas linhas de muralha, das quais ainda é possível vislumbrar pequenos trechos, cujo aparelho, em granito, em *opus incertum*, denota já uma tendência para a disposição em fiadas pseudo-isódomas.

Tendo em atenção tais particularismos, mais os numerosos fragmentos de *tegulae* e mesmo de cerâmica comum romana, ao contrário do que vem sendo afirmado (Lemos, 1993, 219), admitimos que um sistema defensivo formado por muralhas que integram pedras bem aparelhadas e picadas, entremeadas de grandes blocos graníticos para aumentar a solidez, é obra da romanização, já do século I d.C., de uma altura em que a tecnologia de corte e a preparação da pedra era já amplamente dominada pelo povos castrejos.

As soluções encontradas pelos moradores do castelo de Vale de Mir foram as mesmas que os do castelo de Castorigo aplicaram, num modelo repetitivo que se estende por toda a área granítica do planalto e que está bem patente nos povoados de S. Marcos (Pópulo), nas Muralhas de Vilarelho (Favaos) ou, para abreviar, no Castelo da Lavandeira ou do Cadaval e no Castelo dos Mouros em Vilar de Maçada (Lemos, 1993, 218). Como local de implantação, foi escolhido um maciço rochoso, menos agreste que o castelo de Carlião (Almeida, 1992/93), a Senhora da Cunha ou seu vizinho castelo da Burneira, sem esquecer o pequeno *habitat* de Santa Bárbara em Favaos.

Com excelente posição geo-estratégica, tanto mais que dominava os vales de Pegarinhos e de Vale de Cunha, o castelo de Castorigo mostra ter uma coroa bem dimensionada, não demasiado rochosa, mas com o senão de ter encostas pouco agrestes e mesmo de progressão suave, sobretudo naquela que está voltada a Sul. Esta não ideal condição defensiva obrigou os seus moradores a erguerem um poderoso sistema defensivo formado por três linhas de muralha, com uma delas a

incorporar enormes blocos graníticos, em aparelho cíclopico (Lemos 1993, 220), sumariamente desbastados, que nos parecem ser a base alicerçal de uma estrutura que repetiria o modelo mais ou menos implantado. Aliás, se atentarmos na composição daquela que pode ser considerada como a muralha intermédia, é evidente que lá estão os blocos graníticos com a mesma dimensão. A diferença está em que estes estão mais desbastados e afeiçãoados que os que incorporam o alicerço da outra muralha.

O sistema defensivo do castelo de Castorigo é concêntrico, denota solidez e monumentalidade e ostenta ainda partes muito bem conservadas. As faces são no geral bem aparelhadas, o formato é rectangular e as pedras aparecem dispostas poligonamente quando não em fiadas de tendência pseudo-isódoma. Aliás, tal solução foi quase integralmente aplicada na porta de entrada, aberta na muralha mais interior. Com uma secção rectangular, foi por nós desimpedida durante uma campanha de escavação realizada na década de 80 e com resultados não totalmente conseguidos, porque na parte intervenionada não havia outros vestígios que a pedra caída dos muros, não chegando, portanto, a haver qualquer sondagem abaixo do solo actual.

Ao contrário do que ocorria com o castelo de Vale de Mir, o de Castorigo tinha uma dimensão média e a sua acrópole podia albergar algumas dezenas de habitações. No entanto, o sector habitacional extravasou, sobretudo para a vertente meridional e em menor escala para Sudeste. Em qualquer dos casos, a ocupação desceu bem até à base, para uma zona que em tempos não muito recuados já foi agricultada, mas que actualmente se encontra abandonada ou então ocupada com amendoeiras e vinhedos.

O crescimento do povoado foi progressivo e não necessariamente sincrónico. Mesmo sem intervenções arqueológicas, tal desiderato está bem explícito nas cerâmicas que se espalham do cume até à base, até aos vinhedos que aí se encontram. Enquanto no cimo as cerâmicas são basicamente castrejas, a par de alguns fragmentos de *tegulae*, na plataforma que antecede a encosta predomina nam as cerâmicas comuns romanas, as *tegulae*, os *imbrices*, os *dolia* de técnica e fabrico romano e pequenos fragmentos de *sigillata* hispânica que aparecem misturados com outros cujas superfícies aparecem cobertas com agudas castanhonaves. Em resumo, trata-se de um ambiente cultural mais tardio, em consonância, é certo, com a ocupação de todo o castro, mas dentro das perspectivas económicas que presidiam à vivência tradicional dos povos castrejos que se haviam estabelecido na dezena e meia de castros que ponteam o planalto de Alijó.

Como bem o especificou Sande Lemos (1993, 218), os vários castros do planalto primam pela sua localização geo-estratégica, algo que está intimamente ligado à visibilidade, ao cultivo dos cereais, ao pastoreio do gado ovino – o pla-